

DIA MUNDIAL DAS MISSÕES



CONVIDADOS A SER MISSÃO

No dia 20 de Outubro celebramos o Dia Mundial das Missões. Na mensagem para esta jornada, Francisco assinala que a missão cristã vive-se e propõe-se com o testemunho, lançando, em nome de Jesus, um convite a todos os povos: «A missão é ida incansável rumo a toda a Humanidade para a convidar ao encontro e à comunhão com Deus.» E recorda que «todo o cristão é chamado a tomar parte nesta missão universal com o seu testemunho evangélico em cada ambiente, para que toda a Igreja saia continuamente com o seu Senhor e Mestre rumo às “saídas dos caminhos” do mundo actual.»



IDE E CONVIDAI A TODOS PARA O BANQUETE

A mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial das Missões deste ano (da qual apresentamos alguns excertos) tem como tema uma frase da parábola evangélica do banquete nupcial (cf. Mt 22, 1-14):
«Ide e convidai a todos para o banquete».

Para o Dia Mundial das Missões deste ano, tirei o tema da parábola evangélica do banquete nupcial (cf. Mt 22, 1-14). Depois que os convidados recusaram o convite, o rei – protagonista da narração – diz aos seus servos: «Ide às saídas dos caminhos e convidai para as bodas todos quantos encontrardes» (22, 9). Reflectindo sobre esta frase-chave, no contexto da parábola e da vida de Jesus, podemos ilustrar alguns aspectos importantes da evangelização. Tais aspectos revelam-se particularmente actuais para todos nós, discípulos-missionários de Cristo, nesta fase final do percurso sinodal que, de acordo com o lema «Comunhão, participação, missão», deverá relançar na Igreja o seu empenho prioritário, isto é, o anúncio do Evangelho no mundo contemporâneo.

«Ide e convidai»: a missão como ida incansável e convite para a festa do Senhor

No início da ordem do rei aos seus servos, há dois verbos que expressam o núcleo da missão: «ide» e chamai, «convidai».

Quanto ao primeiro verbo, convém recordar que antes os servos tinham sido já enviados para transmitir a mensagem do rei aos convidados (cf. 22, 3-4). Daqui se deduz que a missão é ida incansável rumo a toda a Humanidade para a convidar ao encontro e à comunhão com Deus.



© Mazur/catholicnews.org.uk



▲ Celebração da eucaristia em Timor-Leste. Na página anterior, o Papa Francisco saúda os fiéis

Incansável! Deus, grande no amor e rico de misericórdia, está sempre em saída ao encontro de cada ser humano para o chamar à felicidade do seu Reino, apesar da indiferença ou da recusa. Assim Jesus Cristo, bom pastor e enviado do Pai, andava à procura das ovelhas perdidas do povo de Israel e desejava ir mais além para alcançar também as ovelhas mais distantes (cf. Jo 10, 16). Quer antes quer depois da sua ressurreição, disse aos discípulos «ide», envolvendo-os na sua própria missão (cf. Lc 10, 3; Mc 16, 15). Por isso, a Igreja continuará a ultrapassar todo e qualquer limite, sair incessantemente sem se cansar nem desanimar perante dificuldades e obstáculos, a fim de cumprir fielmente a missão recebida do Senhor.

Aproveito o momento para agradecer aos missionários e missionárias que, respondendo ao chamamento de Cristo, deixaram tudo e partiram para longe da sua pátria a fim de levar a Boa Nova aonde o povo ainda

A missão é ida incansável rumo a toda a Humanidade para a convidar ao encontro e à comunhão com Deus.

não a recebera ou só recentemente é que a conheceu. Irmãs e irmãos muito amados, a vossa generosa dedicação é expressão tangível do compromisso da missão *ad gentes* que Jesus confiou aos seus discípulos: «Ide e fazei discípulos de todos os povos» (Mt 28, 19). Por isso continuamos a rezar e a agradecer a Deus pelas novas e numerosas vocações missionárias para esta obra de evangelização até aos confins da Terra.

E não esqueçamos que todo o cristão é chamado a tomar parte nesta missão universal com o seu testemunho evangélico em cada ambiente, para que toda a Igreja saia continuamente com o seu Senhor e Mestre

rumo às «saídas dos caminhos» do mundo actual. [...] Oxalá todos nós, baptizados, nos disponhamos a sair de novo, cada um segundo a própria condição de vida, para iniciar um novo movimento missionário, como nos alvares do Cristianismo.

Voltando à ordem do rei aos servos na parábola, vemos que caminham lado a lado o «ir» e o chamar ou, mais precisamente, «convidar»: «Vinde às bodas!» (Mt 22, 4). Isto faz-nos vislumbrar outro aspecto, não menos importante, da missão confiada por Deus. Como se pode imaginar, aqueles servos-mensageiros transmitiam o convite do soberano assinalando a sua urgência, mas faziam-no também com grande respeito e gentileza. De igual modo, a missão de levar o Evangelho a toda a criatura deve ter, necessariamente, o mesmo estilo d'Aquele que se anuncia. Ao proclamar ao mundo «a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado» (*Evangelii gaudium*, 36), os discípulos-missionários fazem-no com alegria, magnanimidade, benevolência, que são fruto do Espírito Santo neles (cf. Gal 5, 22); sem imposição, coerção nem proselitismo; mas sempre ►



com proximidade, compaixão e ternura, que reflectem o modo de ser e agir de Deus.

«Para o banquete»: a perspectiva escatológica e eucarística da missão de Cristo e da Igreja

Na parábola, o rei pede aos seus servos que levem o convite para o banquete das bodas de seu filho. Este banquete reflecte o banquete escatológico; é imagem da salvação final no Reino de Deus – já em realização com a vinda de Jesus, o Messias e Filho de Deus, que nos deu a vida em abundância (cf. Jo 10, 10), simbolizada pela mesa preparada com «carnes gordas, acompanhadas de vinhos velhos» –, quando Deus «aniquilar a morte para sempre» (cf. Is 25, 6-8).

A missão de Cristo é missão da plenitude dos tempos, como Ele mesmo declarou no início da sua pregação: «Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo» (Mc 1, 15). Ora, os discípulos de Cristo são chamados a continuar esta mesma missão do seu Mestre e Senhor. [...] Sabemos que o zelo missionário, nos primeiros cristãos, possuía uma forte dimensão escatológica. Sentiam a urgência do anúncio do Evangelho. Também hoje é importante ter presente tal perspectiva, porque nos ajuda a evangelizar com a alegria de quem sabe que «o Senhor está perto» e com a esperança de quem propende para a meta, quando estivermos todos com Cristo no seu banquete nupcial no Reino de Deus. Assim, enquanto o mundo propõe os vários «banquetes» do consumismo, do bem-estar egoísta, da acumulação, do individualismo, o Evangelho chama a todos para o banquete divino onde reinam a alegria, a partilha, a justiça, a fraternidade, na comunhão com Deus e com os outros.

Temos esta plenitude de vida, dom de Cristo, antecipada já agora no banquete da Eucaristia, que a Igreja celebra por mandato do Senhor em memória d'Ele. Por isso o convite ao



© Leigos Combonianos

banquete escatológico, que levamos a todos na missão evangelizadora, está intrinsecamente ligado ao convite para a mesa eucarística, onde o Senhor nos alimenta com a sua Palavra e com o seu Corpo e Sangue. [...] Reafirmo, a este respeito, que «não podemos abeirar-nos da mesa eucarística sem nos deixarmos arrastar pelo movimento da missão que, partindo do próprio Coração de Deus, visa atingir todos os homens» (Ibid., 84). [...]

No Ano dedicado à oração como preparação para o Jubileu de 2025, desejo convidar a todos para intensificarem também e sobretudo a participação na Missa e a oração pela missão evangelizadora da Igreja. Esta, obediente à palavra do Salvador, não cessa de elevar a Deus, em cada celebração eucarística e li-

▲ **Leigos combonianos visitam as comunidades em um bairro da periferia de Lima, Peru. Na página seguinte, missionário comboniano no Quênia**

túrgica, a oração do Pai Nosso com a invocação «Venha a nós o vosso Reino». E assim a oração quotidiana e de modo particular a Eucaristia fazem de nós peregrinos-missionários da esperança, a caminho da vida sem fim em Deus, do banquete nupcial preparado por Deus para todos os seus filhos.

«**Todos**»: a missão universal dos discípulos de Cristo e a Igreja toda sinodal-missionária

A terceira e última reflexão diz respeito aos destinatários do convite do rei: «todos». Como sublinhei, «no coração da missão, está isto: aquele

“todos”. Sem excluir ninguém. Todos. Por conseguinte, cada uma das nossas missões nasce do Coração de Cristo, para deixar que Ele atraia todos a Si» (Discurso aos participantes na Assembleia Geral das Pontifícias Obras Missionárias, 03/VI/2023). [...] Por isso, nas nossas actividades missionárias, nunca nos esqueçamos que somos enviados a anunciar o Evangelho a todos, e «não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem partilha uma alegria, indica um horizonte estupendo, oferece um banquete apetecível» (*Evangelii gaudium*, 14).


Os discípulos-missionários de Cristo trazem sempre no coração a preocupação por todas as pessoas, independentemente da sua condição social e mesmo moral. A parábola do banquete diz-nos que, seguindo a recomendação do rei, os servos reuniram «todos aqueles que encon-

traram, maus e bons» (Mt 22, 10). Além disso, os convidados especiais do rei são precisamente «os pobres, os estropiados, os cegos e os coxos» (Lc 14, 21), isto é, os últimos e os marginalizados da sociedade. Assim, o banquete nupcial do Filho, que Deus preparou, permanece para

A missão para todos requer o empenho de todos. Por isso é necessário continuar o caminho rumo a uma Igreja, toda ela, sinodal-missionária ao serviço do Evangelho.

sempre aberto a todos, porque grande e incondicional é o seu amor por cada um de nós. [...]

A missão para todos requer o empenho de todos. Por isso é necessário continuar o caminho rumo a uma Igreja, toda ela, sinodal-missionária ao serviço do Evangelho. De *per si* a sinodalidade é missionária e, vice-versa, a missão é sempre sinodal. Por conseguinte, hoje, é ainda mais urgente e necessária uma estreita cooperação missionária seja na Igreja universal, seja nas Igrejas Particulares. Na esteira do Concílio Vaticano II e dos meus antecessores, recomendo a todas as dioceses do mundo o serviço das Pontifícias Obras Missionárias, que constituem meios primários «quer para dar aos católicos um sentido verdadeiramente universal e missionário logo desde a infância, quer para promover colectas eficazes de subsídios para bem de todas as missões segundo as necessidades de cada uma» (*Ad gentes*, 38). Por esta razão, as colectas do Dia Mundial das Missões em todas as Igrejas Particulares são inteiramente destinadas ao Fundo Universal de Solidariedade, que depois a Pontifícia Obra da Propagação da Fé distribui, em nome do Papa, para as necessidades de todas as missões da Igreja. Peçamos ao Senhor que nos guie e ajude a ser uma Igreja mais sinodal e mais missionária (cf. Homilia na Missa de encerramento da Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, 29/X/2023).

Por fim, voltemos o olhar para Maria, que obteve de Jesus o primeiro milagre precisamente numa festa de núpcias, em Caná da Galileia (cf. Jo 2, 1-12). [...] Também hoje peçamos a sua intercessão materna para a missão evangelizadora dos discípulos de Cristo. Com o júbilo e a solicitude da nossa Mãe, com a força da ternura e do carinho (cf. *Evangelii gaudium*, 288), saiamos e levemos a todos o convite do Rei Salvador. Santa Maria, Estrela da evangelização, rogai por nós! 





CAMINHAR COM OS MIGRANTES

A irmã Kathia Di Serio, missionária comboniana italiana, desenvolve a sua missão na capital do México. Acompanha os migrantes que, vivendo situações dramáticas, cheios de esperança e dor, deixaram a sua terra à procura de uma vida e um futuro melhores.

Texto: Irmã Kathia Di Serio, missionária comboniana



Trabalhei como missionária muitos anos na África, mais especificamente no Quênia. Actualmente, estou na gigantesca Cidade do México, onde acompanho os migrantes que continuam a chegar e a juntar-se em busca de uma vida e de um futuro melhores. Neste tecido social, encontro os mais isolados, os esquecidos e abandonados; escuto as suas histórias, os seus momentos e situações dramáticas, vividas desde o início da sua viagem até à capital mexicana.

Visito-os, caminhando lentamente com eles e entre eles; paro, à beira da estrada e nas suas habitações temporárias de tendas ou barracas de cartão. Então as distâncias anulam-se e vivemos momentos profundos de convivência, cheios de lágrimas e alegrias, esperanças e desilusões.

Proximidade e amizade

O fluxo incessante de migrantes para a Cidade do México, onde permanecerão durante muito tempo, traz consigo uma miríade de histórias, esperanças e desesperos. Muitos migrantes chegam em busca de trabalho, segurança ou simplesmente de um novo começo. No entanto, enfrentam demasiadas vezes obstáculos: desde as barreiras linguísticas à discriminação, da falta de documentos à percepção de que são estranhos intrusivos e invisíveis.

Uma jovem hondurenha, com cerca de 25 anos, que encontro frequentemente sentada em frente à sua ten-




▲ A irmã Kathia Di Serio, missionária comboniana, visita as famílias dos migrantes na Cidade do México; aproxima-se dessas pessoas com amizade, ouve as suas histórias e ajuda-as a ter esperança e a sonhar com um futuro melhor

da acampada na rua, diz-me: «Irmã Kathia, muitas vezes as palavras não tocam o coração, como os olhares daqueles que nos vêm com olhos de desprezo e raiva. A irmã, pelo contrário, aproxima-se de nós com naturalidade, com um olhar diferente; é um olhar de bondade, de afecto e de amor verdadeiro. Acredite, isso dá-me alegria e ajuda-me a sentir-me novamente uma pessoa, num contexto tão vulnerável e desumano, onde a solidão reina e os pensamentos pouco

atractivos e pouco positivos ocupam parte do dia... Obrigada, Irmã Kathia, obrigada pelo seu olhar afectuoso e atento; obrigada por estar aqui e por parar para falar connosco.»

Noutro dia, um jovem venezuelano de 23 anos cumprimentou-nos e trocou um sorriso e um «como está». E, com os olhos cheios de lágrimas e em voz baixa, disse-me: «Sabe, eu estou bem, apesar de não estar bem... Não descanso bem, a estrada não é segura, apesar de estar numa tenda com a minha família. Não durmo bem porque tenho de tomar conta dos meus filhos e da minha mulher... Há meses que estou assim; mas digo que estou bem porque, graças a Deus, chegámos até aqui, apesar dos momentos de perigo que tivemos de enfrentar. Eu só... eu

só quero agradecer-lhe por ter parado para falar comigo, obrigado por estar presente e não esquecer esta parte da humanidade... Obrigado.» Depois, apertando-me a mão com força, susurra: «Volte, estamos à sua espera.»

Estes encontros enchem-me o coração e os olhos de lágrimas e de esperança. Trago dentro de mim cada pessoa que encontro; cada diálogo e cada troca que experiencio é um dom e uma riqueza que desejo partilhar; mas muitas vezes as palavras não conseguem exprimir plenamente o que vivo e sinto no meu coração... Sei que continuarei a caminhar com os olhos voltados para o sofrimento e a esperança dos migrantes e para Aquele que é o caminho, a verdade e a vida. 





O AMOR COMO TERAPIA

O Lar dos Pequeninos, a Residência Bons Meninos ou A Casa dos Rapazes são algumas das iniciativas da Igreja Católica do Huambo. Instituições que trabalham em conjunto para acolher, proteger e educar as crianças e jovens mais desfavorecidos.

Texto: Enrique Bayo, *jornalista* | Fotos: José Luis Silván Sen

Airmã Josefina Gatuta estava à nossa espera do outro lado do portão. Nunca nos tínhamos encontrado antes, mas o seu acolhimento foi tão caloroso e alegre, que nos pôs imediatamente à vontade. Após breves apresentações, a freira angolana convidou-nos a segui-la no meio do barulho das crianças que brincavam alegre e ruidosamente durante o recreio. Rapidamente chegámos ao Lar dos Pequeninos, a instituição de caridade das Irmãs do Santíssimo Salvador que tínhamos vindo visitar e que ocupa um antigo edifício colonial de rés-do-chão, bem conservado.

Desde a sua fundação no Huambo, em 1958, por freiras europeias, o centro manteve-se fiel ao seu objectivo de acolher crianças órfãs ou abandonadas de qualquer idade. A irmã Josefina, responsável pelo lar desde 2015, que se refere sempre aos meninos e meninas com uma única palavra, crianças, informa-nos: «Neste momento, entre as 53 crianças que acolhemos, temos duas que têm apenas alguns meses de idade e cujas mães morreram no parto.» São a maioria, porque quando atingem os sete anos de idade, as crianças

continuam a sua educação na Residência Bons Meninos, um lar dirigido pelos Pobres Servos da Divina Providência, fundado pelo padre João Calábria, também localizado na cidade do Huambo.

Algumas das crianças chegam ao centro com poucos dias, outras com meses ou alguns anos e, em geral, são trazidas por um familiar que, não podendo cuidar delas, pede ajuda às irmãs. «A vida é muito difícil nas aldeias à volta do Huambo. A seca está a afectar muito os campos de que as pessoas se alimentam e, em algumas zonas, as pessoas estão a passar fome, o que nos leva a acolher algumas crianças vulneráveis que tentamos reintegrar nas suas famílias mais tarde. Mas outras não têm ninguém. Há algumas meninas que ficam conosco até aos 18 anos ou mais.» Uma dessas raparigas é a Rosalina, que veio para o centro ainda bebé e agora atingiu a maioridade. Os seus olhos iluminam-se de alegria quando fala das irmãs: «Elas são as minhas verdadeiras mães. Trataram-me muito bem e estou-lhes muito grata. Agora ajudo o mais que posso, tomo conta dos bebés, faço a limpeza, cozinho...»

Creche

Todas as crianças do Lar dos Pequeninos estão na escola ou frequentam ►

◀ **A irmã Josefina Gatuta com um bebé no Lar dos Pequeninos**



a creche, duas instituições geridas pelas Irmãs do Santíssimo Salvador que partilham um terreno com o centro de acolhimento. Os maiores de cinco anos estudam na escola, que é subsidiada pelo Estado angolano – que paga os professores –, enquanto as 17 crianças com menos de cinco anos frequentam a creche, gerida directamente pelas irmãs e que é o pulmão económico do lar.

Este ano, são 170 crianças que passam o dia inteiro na creche: comem, brincam, aprendem e até passam algum tempo a dormir. «Com o dinheiro que os pais nos dão no fim do mês, podemos pagar ao pessoal que nos ajuda em todos os serviços e na manutenção do centro; de facto, quando a creche fecha para férias, temos muita dificuldade em encontrar os meios necessários para cobrir todas as despesas», explica a irmã Josefina.

«A vida é muito difícil nas aldeias à volta do Huambo. A seca está a afectar muito os campos de que as pessoas se alimentam e, em algumas zonas, as pessoas estão a passar fome, o que nos leva a acolher algumas crianças vulneráveis que tentamos reintegrar nas suas famílias mais tarde.»

▲ Rapazes a brincar na Residência Bons Meninos. A instituição acolhe crianças órfãs e abandonadas; este ano, recebeu nas suas instalações 47 rapazes

Não é fácil viver com tantas crianças porque elas exigem atenção e cuidados constantes, mas as sete freiras da comunidade, todas angolanas, fazem-no com muito amor. «Temos o nosso tempo de oração e todas as sextas-feiras organizamos uma reunião comunitária para partilhar, planear e ver se há problemas ou decisões a tomar em relação a alguma das crianças. À noite, uma de nós, à vez, fica com as senhoras que nos ajudam na zona onde dormem e, se houver algum problema, intervimos», diz a Ir. Josefina. Por vezes, se uma delas adoecer durante a noite, levam-na ao hospital para receber os cuidados necessários, porque «as crianças pequenas são muito frágeis». Com o



▲ O padre Edmilson José da Silva, missionário brasileiro, actual responsável pela Residência Bons Meninos, com um grupo de rapazes no centro

coração pesado, recorda que «há dois meses perdemos uma criança de apenas 19 meses e foi muito doloroso».

Bons meninos

Na manhã seguinte, fomos visitar a Residência Bons Meninos, de que nos tinha falado a irmã Josefina Gatura. Este centro para crianças órfãs e abandonadas está situado num grande terreno perto do aeroporto do Huambo, onde os Pobres Servos da Divina Providência têm também uma escola e um pequeno dispensário. A comunidade religiosa é composta por cinco membros, três padres e dois irmãos, e na altura da nossa visita era enriquecida por dois postulantes que realizavam a sua experiên-

cia comunitária antes de iniciarem o noviciado. À nossa chegada, fomos recebidos pelo padre Edmilson José da Silva. O missionário brasileiro, que chegou a Angola há nove anos e está no Huambo há dois anos, é o actual responsável pela residência.

O edifício rectangular do centro tem vários dormitórios com beliches e algumas salas comuns, tudo muito simples, com pouco mobiliário. Este ano são 47 os rapazes que vivem na residência, eram 32 no ano anterior. De acordo com o padre Edmilson, a razão para este aumento significativo «é a situação de extrema pobreza no país, o que significa que muitas famílias estão a passar por momentos muito difíceis. Algumas enviam-nos os seus filhos porque não têm condições para cuidar deles. Outros vêm através do Instituto Nacional da Criança, com o qual colaboramos». De facto, o Governo paga os salários

de três dos cinco educadores que trabalham no centro.

Educação integral

A maior parte dos rapazes tem entre sete e dez anos, mas alguns mais velhos são convidados a ficar até aos 18 anos ou mais, porque se enquadram no plano educativo do centro. Nos dormitórios, os rapazes são misturados por idades e os mais velhos são os responsáveis pelo grupo. Se houver algum problema, «é a eles que responsabilizamos», diz o padre Edmilson. Um desses rapazes é Calixto, que tem 20 anos e está na residência há mais de metade da sua vida: «Estou a estudar Ciências Biológicas e tento ajudar o mais que posso no centro, entre outras coisas, cuido da despensa, um ponto estratégico num local onde vive tanta gente.»

As crianças estudam na escola dos Pobres Servos, com excepção ►



de Calixto e de um outro mais velho, que está muito atrasado nos estudos, e que pediu para ser inscrito noutra turma porque «tinha vergonha de estar na mesma turma que os seus companheiros mais novos, com quem vive», explica o padre Edimilson. Fora do horário escolar, as crianças seguem um programa detalhado de actividades, com dias dedicados à interacção para que se possam exprimir e socializar, tempo para o desporto, o trabalho comunitário e os momentos lúdicos.

Colaboração

A relação entre os Pobres Servos da Divina Providência e as Irmãs do Santíssimo Salvador é excelente e sempre que uma criança do Lar dos Pequeninos atinge os sete anos, «vem imediatamente para o nosso centro. As irmãs sabem que também temos uma escola e que a educação dos meninos está assegurada», diz o padre Edimilson, que não notou nenhuma dificuldade na integração deles: «Eles vêm com muito prazer, não costumam chegar sozinhos, mas vários o fazem todos os anos. Além disso, encontram rapidamente antigos colegas que estavam com eles no outro centro.» Da mesma forma, quando os rapazes atingem a idade de 10 anos, são normalmente transferidos para o Lar dos Rapazes, gerido pela arquidiocese do Huambo, onde também não há dificuldades de integração quando os rapazes chegam.

Para ajudar nas despesas da residência, os Pobres Servos da Divina Providência recebem ajuda de Itália e criaram um programa de apadrinhamento entre famílias italianas e os rapazes. No local, para economizar nas despesas com alimentação, aproveitam o grande terreno onde está localizado o centro para plantar milho e cultivar uma pequena horta que produz grande parte dos legumes que consomem durante o ano. Embora o padre Edimilson se queixe de alguns roubos de que são vítimas, assume que «alguém vai precisar mais».



A Casa dos Rapazes

A nossa última visita aos centros de acolhimento da Igreja no Huambo foi facilitada pelo padre Edimilson quando nos pôs em contacto com o padre Marcelino Pungulimue, um sacerdote desta arquidiocese e director de A Casa dos Rapazes. A instituição foi fundada em 1955 para acolher adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade, tanto afectiva como material, e apesar de ter deixado de funcionar em 1991, porque a casa foi destruída durante a guerra, a instituição reabriu as suas portas em 2009, após a remodelação

do edifício. Actualmente, acolhe 56 rapazes com idades compreendidas entre os 10 e os 24 anos. Em princípio, deveriam deixar o centro aos 18 anos, mas o padre Marcelino permite-lhes ficar mais tempo, porque «não têm meios económicos nem preparação para enfrentar a vida e, sob muitos pontos de vista, continuam a ser crianças».

Desde o início deste projecto educativo, há 69 anos, foi construída uma escola de artes e ofícios ao lado da casa de vários andares onde vivem os rapazes, para que, além da formação académica normal, os residentes



▲ Três rapazes lavam os pratos na instituição A Casa dos Rapazes, administrada por um sacerdote diocesano de Huambo, o padre Marcelino Pungulimue

possam aprender carpintaria, alvenaria, artes gráficas e outras profissões. Este edifício também foi remodelado, mas ainda não foi assegurado o financiamento para o tornar operacional. Foi criada uma padaria que, «apesar do seu forno a lenha com cinquenta anos, produz 750 quilos de pão por dia, cuja venda nos ajuda a financiar parte do centro», diz o padre Marcelino.

O projecto «Mais oportunidades. O meu sonho. O meu futuro», nasceu exclusivamente para raparigas. «Aqui em Angola dizemos que educar uma rapariga é educar toda uma família.»

Oportunidades para as raparigas

O padre Marcelino dirige A Casa dos Rapazes desde a sua reabertura em 2009, mas cedo se deu conta de que era necessário fazer algo também pelas raparigas. Depois de reflectir sobre a possibilidade de abrir as portas do centro também a elas, decidiu que o melhor a fazer era lançar uma iniciativa especificamente para as meninas. Assim nasceu o projecto «Mais oportunidades. O meu sonho. O meu futuro», exclusivamente para raparigas. «Aqui em Angola dizemos que educar uma rapariga é educar toda uma família. Desafiado por esta ideia, sabia que tinha de fazer alguma coisa. É um projecto pessoal, mas, como sou padre, pode dizer-se que é um projecto da Igreja», diz o padre Marcelino. E acrescenta: «Cresci durante a guerra e fiz a minha formação no seminário graças à ajuda de outras pessoas, porque a minha família não tinha dinheiro para pagar os meus estudos. Agora que sou padre, sinto que tenho de retribuir de alguma forma o que fizeram por mim.»

Para levar a cabo o seu projecto, o padre começou a contactar famílias conhecidas no Huambo para lhes pedir que acolhessem as raparigas nas suas casas. A proposta foi bem-sucedida e hoje há 43 raparigas espalhadas por toda a cidade. O próximo passo do projecto é criar «pequenas casas» com um grupo pouco numeroso de raparigas acompanhadas por um adulto responsável. O padre Marcelino está esperançado que a iniciativa se concretize. «Criámos uma casa onde vivem oito raparigas com uma mulher de 27 anos que as acompanha. Queremos multiplicar esta experiência porque recebemos muitos pedidos de raparigas das aldeias do interior que querem estudar e as suas famílias não têm meios para as ajudar. São raparigas que precisam de ter a oportunidade de realizar os seus sonhos e construir um futuro melhor para si próprias», conclui o sacerdote. ■



IGREJA AO SERVIÇO

A Igreja, com os seus missionários e instituições sociais, continua a dar apoio a milhões de pessoas nos territórios da missão.

Anualmente, no penúltimo domingo de Outubro, celebra-se o Dia Mundial das Missões para incentivar a cooperação e o contributo missionário em todos os países onde há católicos.



Número de católicos
1 390 000 000
11,2% Aumento do número de católicos entre 2013 e 2022

AGENTES PASTORAIS



Bispos
5 363



Sacerdotes diocesanos e religiosos
407 730



Diaconos permanentes
50 150



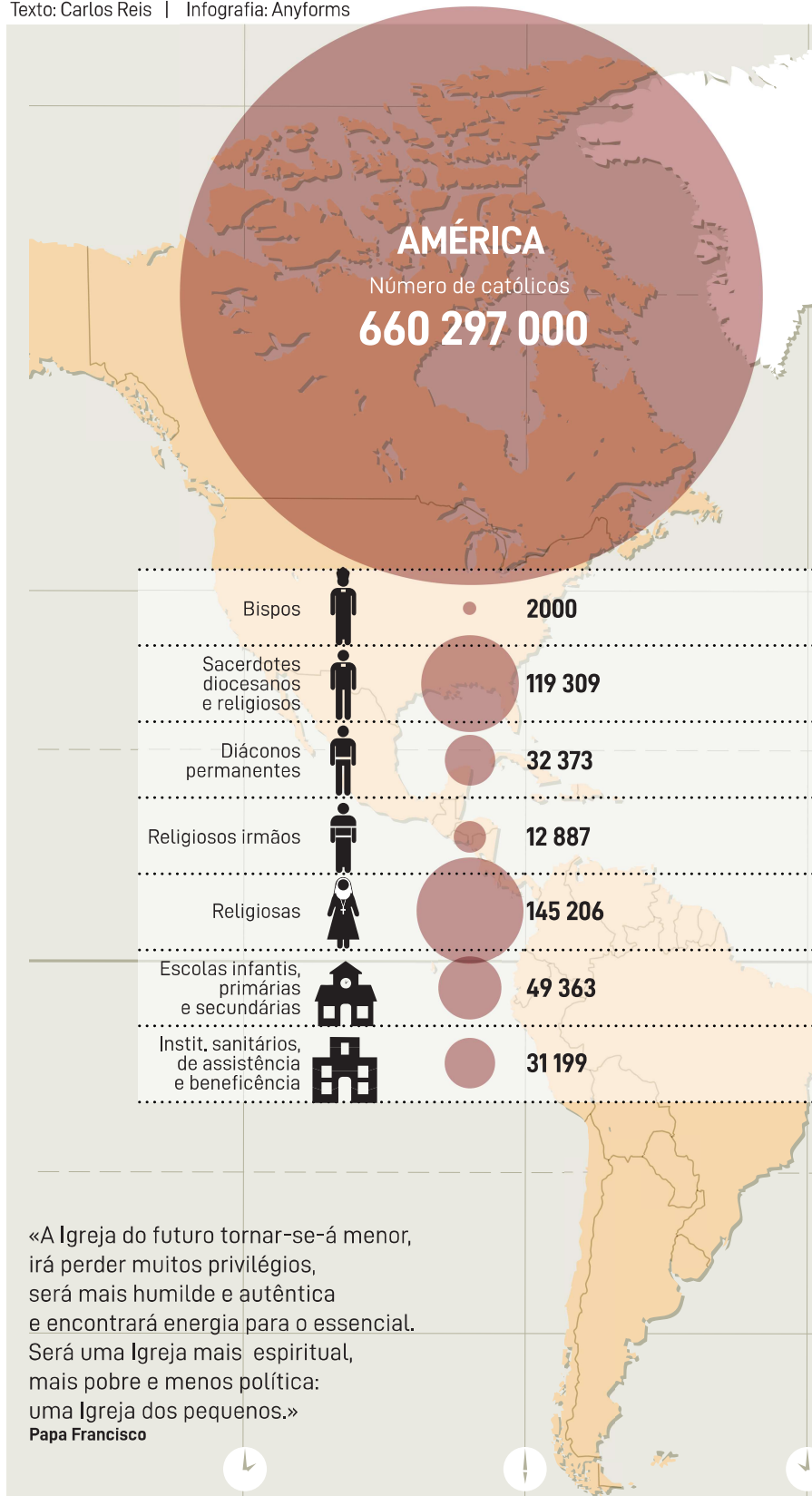
Religiosos irmãos
49 414



Religiosas
599 228



Texto: Carlos Reis | Infografia: Anyforms



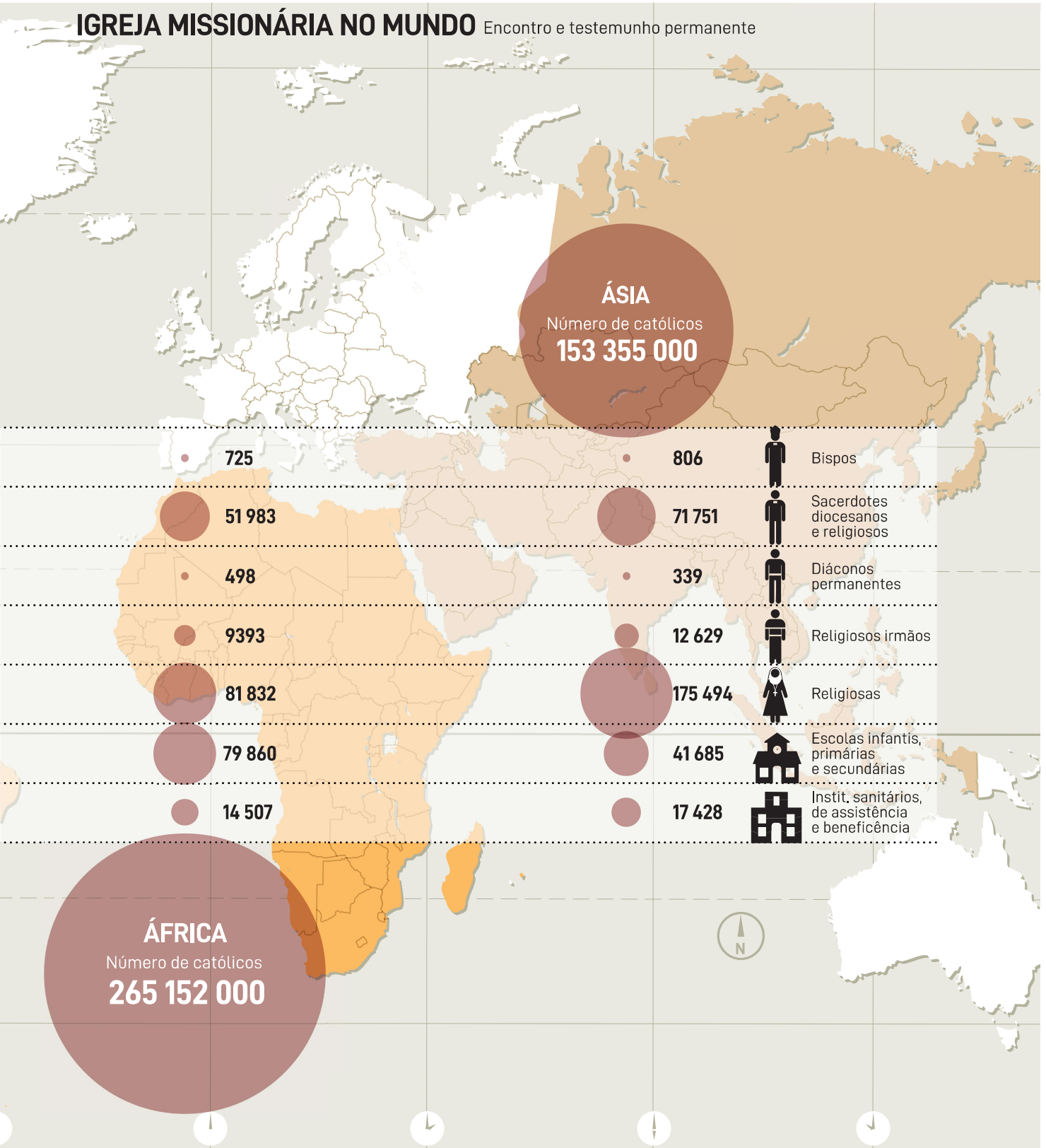
«A Igreja do futuro tornar-se-á menor, irá perder muitos privilégios, será mais humilde e autêntica e encontrará energia para o essencial. Será uma Igreja mais espiritual, mais pobre e menos política: uma Igreja dos pequenos.»

Papa Francisco



A missão da Igreja Católica é testemunhar o Evangelho, estar ao serviço dos povos e promover a dignidade humana, em particular dos mais pobres e excluídos da sociedade. Visão panorâmica do catolicismo no mundo. Os membros, as estruturas pastorais e as actividades na área de saúde, assistência e educação.

IGREJA MISSIONÁRIA NO MUNDO Encontro e testemunho permanente



Fontes: *Annuario Statisticum Ecclesiae 2022* (Libreria Editrice Vaticana), *Annuario Pontificio 2024* (Libreria Editrice Vaticana) e Agenzia Fides



DE VOLTA À PRISÃO

O padre José Vieira, missionário comboniano português, partilha a experiência da equipa de religiosas, padres e leigos no desafiante serviço de pastoral carcerária em Adola, no Sul da Etiópia.

Texto e fotos: Padre José Vieira, missionário comboniano

Assistência religiosa no Estabelecimento Correccional de Adola, no Sul da Etiópia, faz parte do serviço pastoral da missão comboniana de Qillenso desde 2009. Aliás, a capela prisional foi o terceiro local de culto aberto à volta da cidade-mãe dos Gujis.

Os inícios foram humildes. Os católicos começaram por se reunir para a missa dominical na capela luterana. Depois, montaram uma tenda. A capela propriamente dita, feita de madeira, barro e zinco, veio depois.

Hoje, terça-feira, uma equipa de duas irmãs das Missionárias da Caridade, o professor reformado José Sholango e um dos padres da paróquia de Qillenso visita a prisão para rezar o evangelho do domingo anterior com alguns reclusos.

O esquema da celebração é simples: um cântico de entrada, acompanhado pelo tambor e pela *kerara*, uma espécie de guitarra local, e de uma oração de introdução, feita por um dos presos. Depois, o evangelho é proclamado em guji – a língua lo-

cal – e em amárico – a língua franca na Etiópia.

A Palavra é explicada pelo padre em guji e por uma irmã em inglês ou amárico. Sholango faz de tradutor e conclui a reflexão com algumas orientações práticas. Depois de outra canção, a Palavra é feita oração. A celebração termina com a bênção.

Os participantes variam entre duas e quatro dezenas. Católicos são só dois ou três. Por isso, deixamos de celebrar a Eucaristia e valorizamos a partilha da Palavra. Os católicos na





Etiópia não chegam a um milhão, representando menos de um por cento da população.

Reconstrução da capela

Entretanto, uma reorganização administrativa do Estado Regional da Oromia trouxe para Adola a capital da zona guji. A prisão também foi requalificada e tem mais de um milhão de detidos.

Para criar novos espaços, a direção decidiu realocar os centros de culto para fora dos muros do presídio. Além de reconstruir as capelas, tivemos de construir uma cerca de zinco com cerca de dois metros de altura e uma porta de metal de acesso à nova Aldeia de Deus na cadeia de Adola: as capelas católica, luterana, ortodoxa e apostólica e a mesquita. Tudo lado a lado.

Os espaços de oração foram demolidos e estão a ser reconstruídos. Por esse motivo, suspendemos as visitas à prisão em fevereiro e retomamo-las a 21 de maio, quando o teto de zinco foi terminado, protegendo os orantes do sol e da chuva. Entretanto, estes compraram do próprio bolso um sistema de som para competir com a concorrência!

A nova capela é um pouco maior que a primeira: mede dez por sete metros e foi financiada através do contributo generoso da província comboniana de Portugal. Os trabalhos são feitos pelos próprios reclusos: os mestres são pagos e os ajudantes alimentados. As paredes de barro e o chão de cimento estão terminados. Falta acabar o revestimento externo a cimento e pintar por dentro e por fora.



▲ Um encontro de formação e reflexão com os presos. Em baixo, a capela da prisão de Adola, Etiópia, que foi construída fora dos muros do presídio. Ao lado, a equipa de pastoral carcerária: o padre José Vieira (segundo a contar da direita), as duas irmãs das Missionárias da Caridade e o senhor José Sholango. Na página anterior, encontro de formação com os presos em Adola



Evangelho na prisão

A presença do Evangelho na prisão é muito importante. O Relatório de Síntese da primeira sessão do Sínodo sobre a Sinodalidade reconhece-a ao agradecer e encorajar «as pessoas comprometidas no serviço de escuta e acompanhamento de todos os que se encontram na prisão e precisam particularmente de experimentar o amor misericordioso do Senhor e de não se sentir isolados da comunidade. Em nome da Igreja eles realizam as palavras do Senhor: “estava na prisão e fostes ter comigo” (Mt 25,36)».

É o que procuramos fazer com estes irmãos. Além da assistência espiritual, prestamos alguma ajuda material sobretudo com sabão, roupa e medicamentos para quem precisa. E, às vezes, material para a escola básica que funciona no presídio.



COM OS VETERANOS DA MISSÃO

O irmão Luis Humberto Gonzales, missionário comboniano peruano, enfermeiro de profissão, partilha a sua vida e missão com os missionários anciãos e doentes, fazendo-os sentirem-se cuidados e amados.

Texto: Irmão Luis Humberto Gonzales, missionário comboniano



Tenho 49 anos de idade e desde a minha consagração religiosa prestei vários serviços no Instituto dos Missionários Combonianos a que pertenceço. Passei cinco anos em Milão como enfermeiro-chefe da equipa de enfermagem do lar de idosos da congregação. Depois passei oito anos numa missão de primeira evangelização na Etiópia como administrador de duas pequenas escolas, responsável pelo grupo de jovens e pelos projectos sociais da missão. De 2015 a 2021, fui ecónomo na minha província comboniana de origem, o Peru.

Agora, estou na casa dos idosos e doentes dos Missionários Combonianos em Castel D'Azzano, muito perto da cidade de Verona, Itália.

A comunidade acolhe 65 missionários, na sua maioria italianos, que já não podem permanecer nos lugares para onde foram destinados e foram enviados para esta casa de repouso para serem assistidos e acompanhados até ao dia da sua partida definitiva deste mundo. Muitos deles ocuparam cargos significativos e importantes para o Instituto e para a Igreja em todos os continentes [entre eles encontra-se o padre Manuel João Pereira Correia, que sofre há 14 anos de esclerose lateral mmiotrófica e foi missionário no Togo durante muitos anos]. Foram formadores, superiores e há mesmo um antigo superior-geral. Há também bispos, professores, grandes conhecedores da cultura dos países onde estiveram, empreendedores que abriram caminhos para gerações de futuros missionários,



▲ Os missionários combonianos idosos e doentes que residem na casa de Castel D'Azzano, Itália, durante a celebração da eucaristia na capela da residência; ao lado, o padre português Manuel João Pereira Correia, que vive nessa casa e sofre, há 14 anos, de esclerose lateral amiotrófica. Na página anterior, o irmão Luís Humberto Gonzales (primeiro à esquerda), enfermeiro e natural do Peru, com outros combonianos no exterior do lar de idosos e doentes

alguns viveram a guerra e outros tiveram de suportar a expulsão do país onde trabalhavam. Agora tudo é muito diferente para eles, porque as suas forças são muito limitadas.


Serviço aos anciãos e doentes

Sou responsável pela administração deste lar e, como enfermeiro, tenho a responsabilidade de assegurar que o serviço prestado pelo pessoal de saúde externo corresponda ao serviço que os nossos irmãos idosos merecem. Partilho a sua vida quotidiana e a aceitação serena da sua situação. Estou também com eles nas suas experiências de dor, sofrimento e limitação devido a doenças degenerativas e terminais. Estes momentos torna-



ram-se para mim uma experiência significativa de caridade e compaixão, porque nós, Missionários Combonianos, somos a sua família. Além dos seus familiares, amigos e conhecidos, nós, os seus confrades, ocupamos um lugar central nas suas vidas. Alguns exprimem a sua satisfação por saber que um comboniano como eles está ali naquele momento. Por vezes só podemos acompanhá-los fisicamente, para lhes dar um sentimento de proximidade, fazendo-os sentir ama-

dos quando precisam de um olhar, de uma palavra ou simplesmente do toque silencioso de uma mão amiga. Outras vezes, ajudamo-los a ler uma carta, a comunicar por telefone ou videochamada e, assim, aproveitamos a oportunidade para partilhar com os seus familiares e amigos o caminho de saúde que estão a percorrer.

Acompanhar pessoas que deram a sua vida pelos mais necessitados em lugares remotos e por vezes perigosos faz-me sentir privilegiado. Todo o bem que eu possa fazer a estes irmãos é pouco comparado com o que eles foram capazes de fazer por tantas pessoas. Os nossos confrades mais idosos fazem parte da história do Instituto e são testemunhas fiéis do carisma de São Daniel Comboni. Para isso basta conhecer a história das missões que abriram, as expulsões que sofreram e os compromissos e desafios que aceitaram ao longo da sua vida. Resta-me esperar que os combonianos mais jovens e eu possamos estar à altura do exemplo daqueles que nos precederam. Somos nós que estamos a substituir estes antigos evangelizadores para levar por diante na Igreja o espírito e o carisma missionário de São Daniel Comboni. 



COMUNICAR A MISSÃO

A irmã Elisabeth Yadassi Tikabi, missionária comboniana natural dos Camarões, estudou Ciências da Comunicação Social e, agora, exerce a sua profissão ao serviço da missão em Kinshasa, capital da República Democrática do Congo.

Texto: Irmã Elisabeth Yadassi Tikabi, missionária comboniana



O meu nome é Elisabeth Yadassi Tikabi, sou natural dos Camarões. Estudei Ciências da Comunicação na Pontifícia Universidade Salesiana de Roma, Itália. Posteriormente, fui enviada para Kinshasa, na República Democrática do Congo, para exercer jornalismo na sede do Centro Afriquespoir (CAE). Actualmente trabalho com outros três jornalistas, membros da família comboniana – dois padres e um irmão.

O Centro Afriquespoir, centro de animação missionária da família comboniana, inclui uma editora com o mesmo nome e um centro multi-

média. A nossa equipa edita a revista trimestral *Afriquespoir*, a única revista comboniana em toda a África francófona. Os artigos que escrevemos são muito apreciados pelos nossos leitores.

Na editora publicamos livros que procuram educar para a fé e para o compromisso cristão. Há um livro estrela, acima de todos os outros, intitulado *Le monde dans ma poche* (O mundo no meu bolso), que actualizamos todos os anos com a geografia e a história dos países dos cinco continentes. O centro dispõe igualmente de um serviço multimédia, que produz conteúdos áudio e vídeo.

▲ A irmã Elisabeth Yadassi Tikabi (à direita), durante um programa na Rádio Maria de Kinshasa, RD do Congo

Estou impressionada com o interesse da nossa equipa em desenvolver e gerir este serviço tão exigente. Aprecio também as relações que foram construídas com simplicidade, diálogo e abertura, primeiro entre nós como equipa, depois com os nossos colaboradores e finalmente com os nossos parceiros, que são os membros da família comboniana nas diferentes províncias francófonas onde estão presentes as nossas con-



▲ A irmã Elisabeth Yadassi Tikabi e outros membros da equipa do Centro Afríquespoir durante uma acção de animação missionária numa paróquia de Kinshasa

gregações e nos apoiam na difusão dos conteúdos produzidos no CAE.


Animar a Igreja local

Na arquidiocese de Kinshasa, juntamente com os dois padres capelães, com quem trabalho todos os dias no CAE, acompanho também vários grupos de espiritualidade comboniana, como os Leigos Missionários Combonianos (LMC), Lybota ya Comboni que são as famílias dos Missionários Combonianos e das Irmãs Missionárias Combonianas. Acompanho também a Obra Missionária do Sagrado Coração de Jesus (OMSCJ-OPM), os Cenáculos de Oração Missionária nas respectivas paróquias, etc. Viver este grande momento de fé é uma riqueza para a minha vida religiosa, profissional, apostólica e missionária comboniana.

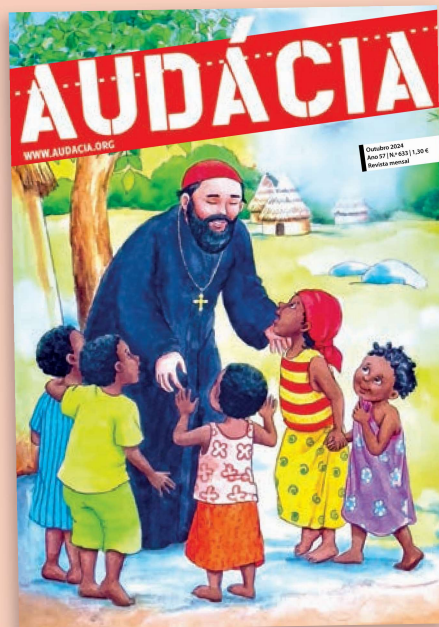
Constituímos uma pequena comunidade muito fraterna e creio

que transmitimos às pessoas que nos vêm a nossa alegria de estar e trabalhar juntos, de transmitir o Evangelho de Cristo mediante os meios de comunicação social.

Quase todos os domingos participamos na animação missionária da nossa Igreja local, percorrendo as paróquias da arquidiocese de Kinshasa divulgando a nossa revista e os livros que publicámos. Desta forma, convidamos os cristãos a empenharem-se na causa do Evangelho e, sobretudo, a construírem a sua fé em Jesus Cristo.

Sinto-me feliz por estar aqui, seguindo as pegadas do nosso fundador, São Daniel Comboni. Quando penso em tudo isto, não deixo de me maravilhar com o mistério da minha vocação: porque é que o Senhor me chamou a mim, que não sabia muito sobre Ele? Assim vivo a alegria de «dar e receber» neste serviço. Dia após dia, por meio do meu empenho e de tudo o que sou, estou a ajudar a construir a Igreja que tanto amo. Graças à nossa proximidade com as pessoas, anunciamos Jesus Cristo, abrindo a porta da nossa casa a todos, mas sobretudo aos jovens em busca da sua vocação. 

**NESTE MÊS MISSIONÁRIO,
ASSINE A REVISTA
AUDÁCIA PARA OS SEUS
FILHOS E/OU NETOS!**



- A *Audácia* é uma revista missionária para gente nova
- Publica-se 11 vezes por ano, em papel e digital, sendo o número de Setembro uma atraente e útil agenda escolar
- A *Audácia* educa, informa e diverte através de temas de formação humana e cristã
- Apresenta o testemunho dos missionários e da Igreja nos cinco continentes, desafiando os mais novos a assumir atitudes concretas para melhorar o mundo

**SAIBA MAIS E FAÇA
A ASSINATURA EM:
WWW.AUDACIA.ORG**

